

Economia.

561 vagas em prefeituras e câmaras
Pág. 36

EDITORA:
ELAINE SILVA
ecferreira@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8327
agazeta.com.br/dinheiro
gazetadinheiro

INVESTIMENTOS EM XEQUE



CRISE NA PETROBRAS MENOS 12 MIL EMPREGOS

Projetos da empresa estão lentos e podem nem sair do papel

▄ **BEATRIZ SEIXAS, RITA BRIDI E RONDINELLI TOMAZELLI**

Alvo de todo tipo de especulação no mercado e de denúncias de corrupção, a Petrobras foi jogada no centro da campanha presidencial mergulhada na instabilidade política e financeira. E não é só no cenário nacional que a companhia está fragilizada. No Estado, ela dá sinais de que perdeu o fôlego, a exemplo de projetos parados e de 12.565 empregos não concretizados.

A estatal enfrenta uma crise de imagem que envolve duas CPIs no Congresso, a prisão de seu ex-diretor Paulo Roberto Costa, a nuvem de suspeitas de superfaturamento na compra da refinaria de Pasadena, além de investigações do Tribunal de Contas da União (TCU) — que chegaram ao patrimônio pessoal

da presidente Graça Foster — e da Polícia Federal na Operação Lava Jato.

Nos corredores do Congresso e no segmento de petróleo circulam informações de que a petrolífera prepara uma fredda dos investimentos no país — um ajuste que seria anunciado só após as eleições. No Espírito Santo, o recuo nos investimentos já é visto antes mesmo dos resultados nas urnas: grandes projetos são tocados em ritmo lento e há dúvidas se, de fato, sairão do papel.

O Polo Gás Químico (UFNIV), em Linhares; a base portuária, em Ubu; o Terminal de GNL, em Aracruz; e ainda plataformas de petróleo estão com cronogramas atrasados ou foram deixados de escanteio pela estatal. O Polo Gás Químico, um dos maiores empreendimentos já anunciados para o Estado

— com um investimento de R\$ 7 bilhões —, é promessa há pelo menos sete anos.

O negócio foi apresentado em 2007, quando o então presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, esteve no Estado e assinou um protocolo de intenções. Anos depois, o polo foi incluído no Plano de Negócios da estatal, no período 2010-2014, com previsão de iniciar a operação em 2015. Mas, em 2011, foi adiado para 2017 e, agora, sequer consta no Plano de Negócios da petrolífera.

O projeto básico de engenharia da UFN IV chegou a ser contratado em 2012, mas neste ano a Petrobras rompeu o contrato com a empresa responsável, a Foster Wheeler. Outra incógnita é o Terminal de GNL, que foi anunciado por Graça Foster, com a assinatura do protocolo de intenções em

novembro de 2012. Bem como a Base de Ubu, que funcionaria como um terminal de apoio offshore às atividades petrolíferas.

PREJUÍZOS

O marasmo da Petrobras no Espírito Santo também pode ser traduzido em números. Os três empreendimentos representam R\$ 10,3 bilhões de investimentos parados, 12.565 empregos diretos que deixam de ser criados, além de limitar o desenvolvimento de toda uma cadeia de fornecedores.

E não para por aí. Nos bastidores, há informações de que a Petrobras já teria decidido pelo cancelamento do contrato de integração de duas plataformas (P-68 e P-71) que seriam montadas no Estaleiro Jurong Aracruz (EJA). E mais: que a decisão já tomada só se tornaria pública após as eleições.

blica após as eleições.

O EJA, por meio de sua assessoria, disse desconhecer o assunto. Informou que os módulos da P-68 já estão sendo montados e o trabalho continua normalmente. Procurada, a Petrobras disse que não irá se manifestar sobre o assunto. Ou seja: a estatal não desmente nem confirma as informações que circulam desde o início do ano.

A instabilidade financeira e política da Petrobras coloca em xeque também o início da operação de uma nova plataforma no Estado, a ES Águas Profundas. De acordo com informações da Brasil Energia, a FPSO — que está no Plano de Negócios 2014-2018 — não passará mais neste ano pelo processo de licitação para seu afretamento. Com isso, a operação, prevista para 2018, deverá ser prorrogada.

Base de Ubu é adiada

▄ A Petrobras informou que o projeto da base de Ubu foi adiado por prazo indeterminado e tem optado pela contratação de serviços logísticos a serem prestados com infraestrutura de terceiros. Apesar de não constar do plano, a estatal garante que “o Polo Gás-Químico de Linhares permanece na carteira de projetos em avaliação do plano 2014-2018”. Sobre o adiamento da licitação, diz “que as contratações para construção de novos FPSOs serão realizadas em tempo oportuno à viabilização da curva de produção de óleo e gás prevista no plano”.

PROJETOS NO ESTADO SÃO DÚVIDAS

Polo Gás Químico

A UFN IV (Polo Gás Químico) foi anunciada para ser construída pela Petrobras em Linhares, mas tem sido adiada nos últimos anos. O projeto foi apresentado oficialmente pela primeira vez em 2007, quando o então presidente da estatal, José Sérgio Gabrielli, assinou no Estado um protocolo de intenções. A UFN-IV aparece no Plano de Negócios 2010

— 2014. Mas no plano 2011-2015, o investimento, de R\$ 7 bilhões, tem a operação adiada de 2015 para 2017. Novamente, o projeto sai da lista de prioridades da Petrobras. No plano 2012-2016, a UFN-IV é citada como projeto em avaliação. No Plano 2013-2017 consta como em fase de projeto e, no Plano 2014-2018, o Polo Gás Químico sequer aparece entre projetos da Petrobras.



Base em Ubu

O então presidente da Petrobras, Sérgio Gabrielli, também assinou, em 2007, um protocolo de intenções para a construção de uma Base Portuária em Ubu, Anchieta. A Petrobras previa iniciar as obras em 2013, e concluí-las em 2016. Uma audiência pública chegou a ser realizada em 2012. Mas, o projeto não apareceu no Plano de Negócios 2013-2017, nem no 2014-2018.

Plataforma

Prevista no Plano de Negócios 2014-2018, a plataforma ES Águas Profundas — que deverá operar no Parque dos Doces — não passará mais neste ano por licitação para seu afretamento. Segundo a Revista Brasil Energia, a Petrobras decidiu adiar a ida ao mercado para contratar esse FPSO. Com isso, a operação da plataforma, prevista para 2018 deverá ser prorrogada.

Terminal de GNL

Em novembro de 2012, quando a presidente da Petrobras, Graça Foster, esteve no Estado, ela assinou um protocolo de intenções para a construção de um Terminal de GNL, em Aracruz. O projeto, que teve o licenciamento iniciado em 2012, tinha a previsão para começar a ser construído em 2013. Mas, desde a visita de Graça, o terminal não aparece nos planos de negócios da estatal.

INVESTIMENTOS EM XEQUE

Quase mil já foram demitidos

Empresas capixabas já estão sentindo a paralisia dos investimentos da estatal

∞ Somado à retração da economia em nível nacional e, conseqüentemente, à baixa demanda por produtos e serviços, as empresas do Espírito Santo convivem com a incerteza dos investimentos da Petrobras e já sentem os reflexos da paralisia dos projetos da estatal.

Sem a realização, pelo menos por enquanto, de empreendimentos que eram promessas de aquecimento da economia - como o polo gás-químico, base portuária de Ubu e terminal de GNL -, os fornecedores locais estão revendo suas estratégias e, até mesmo, se desfazendo de seus quadros de funcionários para tentar se manter no mercado.

Nos bastidores, a informação é de que mais de mil postos de trabalho precisaram ser fechados nos últimos dez meses por conta do



Baixo investimento da Petrobras: capixabas buscam clientes fora do Estado

recuo das demandas. O presidente do Centro Capixaba de Desenvolvimento Metalmeccânico (Cdmecc), Antonio Falcão de Almeida, confirma demissões no setor, mas diz não ter dados que estimem quantos profissionais foram demitidos.

Ele lamenta os atrasos e diz que a situação traz um desestímulo muito gran-

de. “É frustrante! Principalmente no caso do polo gás-químico, que criou uma grande expectativa nas empresas. Os empresários chegaram a visitar outros polos no Brasil, como em Camaçari (BA) e Três Lagoas (MS), para que pudessem conhecer e adequar seus produtos e serviços ao novo negócio,

uma vez que planejam suas atividades a curto e médio prazos”.

ALTERNATIVA

De acordo com Falcão, para driblar o recuo no mercado capixaba, a alternativa encontrada pelas empresas locais tem sido buscar clientes fora do Espírito Santo. “Nossas em-

presas estão acompanhando as obras que estão sendo realizadas Brasil a fora e têm conquistado alguns contratos em estados como a Bahia e o Rio Grande do Sul. De fato, passamos por uma onda de baixa, mas esperamos que esse cenário mude no próximo ano”, vislumbra.

O superintendente do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP) e da Organização Nacional da Indústria do Petróleo (Onip) no Espírito Santo, Evandro Milet, avalia que a saída do plano da Petrobras pode estar atrelada aos custos que o projeto irá representar.

“O mercado conta com uma nova variável que é o gás de xisto nos Estados Unidos. E o que está se falando é que os custos para importação seriam menores do que fazer investimentos no Brasil nesse segmento”, pontua.

Milet destaca o movi-

mento que vem sendo realizado no Estado para desenvolver a cadeia de fornecedores. “As empresas, em conjunto com a Petrobras e outras instituições, estão identificando sistematicamente os equipamentos que vão ser necessários. Por isso, é muito importante que os projetos sejam mantidos”.

Outra preocupação do mercado é de que a estatal não estaria honrando com o pagamento de contratos no fornecimento de bens e serviços. Durante a Rio Oil & Gas, feira do setor de petróleo que aconteceu na última semana no Rio de Janeiro, um dos burburinhos entre os empresários era sobre os atrasos nos pagamentos e os rompimentos de contratos.

Esse cenário, entretanto, tem se repetido - segundo fontes de bastidores - entre as grandes companhias, mas, até o momento, não estaria atingindo as empresas do Estado.